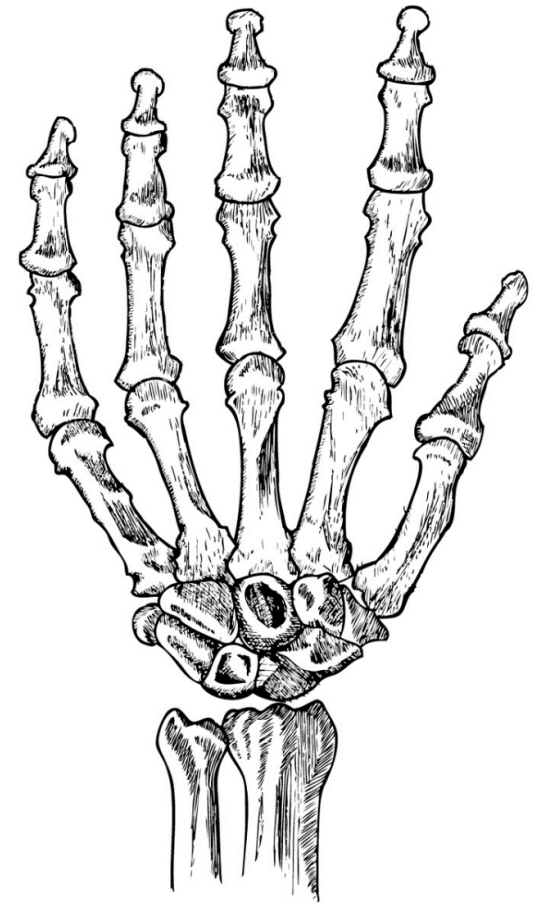


# Osso de escrever

Literatura em tempo de barbárie



## WLADIMIR CAZÉ

### PORVIR

Sentinela a noite  
para surpreender  
cada nascimento  
de tenra estrela.

Atalaia os ermos  
para não perder  
o aparecimento  
do que não havia:

a fruta nova,  
feita no futuro  
para paladar  
animal imaturo.

Guarda o detalhe  
que não pulsa ainda  
no canto do olho  
no fundo da retina.

E espreita a fonte  
à luz de um dia:  
coração do tempo  
guardando grão vizinho.

Para o menor  
movimento ou rumor,  
cumpre estar alerta.  
Vigia e relata.

Do livro *Macromundo* (2010)

## WLADIMIR CAZÉ

Muro das lamentações.  
Tem que subir na pedra  
pra poder pagar com reza  
carregando cruz  
e escorregar na lama.  
Quem pode reclama  
a falta que faz  
um pouco de luz.

Do livro *Macromundo* (2010)

### Colaboradores

Aline Dias  
Barbara Depiantti  
Caê Guimarães  
Janio Silva  
Lucas dos Passos  
Marília Carreiro  
Orlando Lopes  
Rodrigo Caldeira  
Sarah Vervloet  
Saskia Sá  
Wagner Silva Gomes  
Wladimir Cazé

### Créditos da capa

Imagem extraída da Internet  
(<http://becuo.com/skeleton-hand-drawing-right>)

Os direitos autorais dos textos desta publicação  
pertencem a seus autores e sua citação e reprodução  
são permitidas, desde que creditada a autoria.

## WLADIMIR CAZÉ

### GERAÇÃO

Descansa o incêndio  
dentro do ovo.  
Uma fênix em repouso.

Crepúsculo imaturo.  
Parede nua.  
Paisagem na paleta.

Raiz de proveta.  
A planta ainda  
está na pétala.

Penas inatas  
de ave na casca.  
Uma flama intacta.

Do livro *Microafetos* (2005)

### Nota

Este projeto integra às ações do movimento Cultura sem  
temer – ES, que reúne artistas e produtores culturais do  
estado do Espírito Santo e se junta às ocupações em  
equipamentos do MinC que, em todos os 27 estados do  
Brasil, não reconhecem legitimidade ao autointitulado  
“governo interino” e se manifestam contra o estado de  
exceção presidido por Michel Temer.

Vitória-ES, junho de 2016.

## WAGNER SILVA GOMES

### ARTOCARPUS ALTILIS

Todos os dias observo um pé-de-fruta-pão  
e vejo o quanto ele é forte  
tem uma envergadura de bailarino,  
um vácuo de cristal,  
por onde o vento faz a rima,  
ou as rimas,  
já que, cego da árvore,  
sua imagem me traz as folhas  
que suportam as grandes  
bolotas de frutos,  
que surgem depois das flores,  
mas aí, já entro na intimidade,  
na religião da árvore,  
a religião de Eva e Adão,  
a religião do cosmo,  
a entranha celeste,  
a religião que não concebo  
por ser árvore.

en la lucha de clases  
todas las armas son buenas  
piedras  
noches  
poemas

Paulo Leminski

Vamos ver o diabo de perto  
Mas preste bem atenção, seu moço  
Não engulo a fruta e o caroço  
Minha vida é tutano, é osso  
Liberdade virou prisão

Gonzaguinha

devagar e sempre  
ouço o galope do golpe –  
ele vem lentamente pela Câmara e depois pelo  
Senado  
ele vem burocraticamente por todas as brechas da lei  
e do  
[Estado

Anônimo via ultralits  
(ultralits.tumblr.com/post/143378175152/tevegolpe)

## ALINE DIAS

### MULHERES DE VERMELHO

Éramos cerca de vinte mulheres desconhecidas entre si. Cada uma talvez conhecesse uma ou duas do grupo. Não sei ao certo como nos juntamos, mas estávamos lá, de vermelho, juntas, com batom na cara.

A pintura de guerra foi feita com uma pintando a outra. Somos contra a cultura do estupro de um jeito complexo, e de um jeito simples queremos o direito a ir e vir sem incômodo do corpo. Cimara disse que é simbólico uma pintar a outra, porque assim uma ajuda a outra e a força de uma é a força da outra.

Cimara passou batom nos meus olhos e me fez índia. Cimara me chamou para o protesto no sábado de manhã, e eu fui. Entre o almoço e a Funarte, Cimara foi avisada de que era preciso ter três mulheres fortes que se dispusessem a tirar a roupa para causar impacto. Seria feita a simulação de um estupro. As três seriam estupradas, mas nós todas nos protegeríamos.

É preciso que o choque exista. Éramos vinte mulheres em volta de um estupro simbólico, e sofrendo estupros verbais pelo caminho. Eu era coro. Andávamos em fila, da Funarte ao Largo do Arouche, em silêncio.

Fomos avisadas de que o silêncio precisava permanecer durante todo o percurso, e de que haveria possíveis xingamentos que não deveríamos devolver porque isso poderia prejudicar o coletivo.

Eu nunca ouvi tanta cantada na vida quanto quando em fila com vinte mulheres. Delícia, gostosa, coisa linda, boa tarde, arrombada, falta de rola. Tudo colocado em coletivo e invasivo a cada uma de nós.

Antes sentamos juntas, desconhecidas, pra conversar sobre o que viria. Cimara nos representaria e confessou nunca ter

## WAGNER SILVA GOMES

### A PRAIA O CASTELO A COBERTURA E O QUE FICA

A ostentação corre solta no castelo de areia,  
O metro quadrado se expande encolhido,  
O tempo é de arrocho, arrocha que dá;  
A vida justa é boa mas no sufoco não

As ondas derrubam na praia que for,  
Um punhado não dura muito,  
Há de se buscar mais areia

A margem é que sofre o abalo,  
Na cobertura a onda não chega,  
As crianças do castelo sabem  
Têm de erguê-lo, mão na massa!  
As crianças do mercado sabem  
Têm de erguê-lo, mão na areia!

Muitos lotes abertos na fazenda,  
A areia passa por entre os dedos,  
escorrega, mas há quem pega  
dá a mão e dança, com a justeza  
que não se abate, esfrega a areia,  
esfrega o corpo, e tudo se ajeita.

E há de haver do fundo do mar,  
na cobertura, um ajuste de contas!

## WAGNER SILVA GOMES

### A SANTA CEIA DO NEO MUNDO CONTRA A SANTA CEIA DO PRIMEIRO MUNDO

A cor da bandeira mais justa se chama igualdade  
E a cor do fogo faz cores com outras batalhas  
De mão a prumo a prudência é o punho  
Suando se soa um tempo jurisprudente

É a chama que aquece e faz unir os braços  
Quando intimado em plena sala do mundo  
Mudo, a depor contra a família florescida,  
Arabesca fênix erguida, colunas unidas,  
Resista, sinta, erga a flor-discurso-alado,  
Expulse o procurador-geral de fora a fora,  
Todo Sr. Smith, vara-de-porco, é dano,  
Parasita procuração que vem de fora,  
Só o intime com a família, sem violência,  
Num deserto africano, nordestino, arábico,  
Toda ela se encontra, como rio de um oásis,  
E o clima forte e a correnteza o prostram.

sofrido abuso. Acho que éramos sete. Entre as sete, só Cimara não tinha sofrido abuso, e cada uma de nós contou sua história.

O abuso não precisa vir de fora. Um namorado força sexo, e isso é um estupro. Você não sabe na hora que um estupro é um estupro. Você realmente não sabe o que fazer. Você não sabe contar. A gente tem medo na rua, mas quando acontece pode ser alguém que a gente

confie. A gente grita, mas a gente demora a saber. A gente não quer acreditar.

Na rua, os gritos dos homens que olhavam em cima da gente, fora da gente. Eles não sabiam a gente dentro, mas a gente se deu as mãos. E enquanto a gente estava junta não havia trânsito, porque a gente parava. Havia força, havia grito.

A gente abriu a multidão e fez uma roda. A roda ia se abrindo e as pessoas cediam, e as três meninas tiraram a roupa protegidas. E espalharam sangue nelas mesmas. Gritamos alto, o mais alto que a garganta deixou. E o sangue continuava, e a dor estava ali naquela cena. Eu acreditei. Eu vi a Cimara chorando sentada no chão e as mulheres limpando Cimara e as duas outras meninas nuas, e eu chorei.

Alguém gritava SORORIDADE, e eu via o cabelo da Cimara ensanguentado. Eu sabia que era guache, mas era sangue. Eu não tinha pano pra limpar a Cimara, mas a gente ajudou que ela se levantasse. Ela chorava de verdade e não sabia o que fazer direito, estava mole. Vestimos Cimara e Estrela começou a dizer o texto combinado. Mulheres em defesa de Mulheres.

Repetimos alto o que ela dizia. Estaremos sempre juntas em luta, em ação. Nos abraçamos. Todas. Uma a uma. Choramos. Sentimos. Gritamos um grande não: às cantadas, ao governo, ao machismo. Viramos um grande sim. A nós. Ao nosso corpo. Ao nosso direito de andar.

## SASKIA SÁ

### A CARNE

e o que ela era?  
senão uma buceta encharcada de sangue uma vez  
[por mês, tendo  
sido olhada, observada e ouvida como uma buceta.  
há séculos seu corpo,  
a carne no espeto sobre a qual se debruçaram os  
[homens do mundo,  
desde o começo dos tempos.  
e agora eu a vejo e nada mais enxergo...  
mas também vejo os outros e as outras como a  
[carne do desejo que  
em vão se debate na terra nua e nela irá findar,  
[sem sementes ou flores.  
e agora eu vejo a única capacidade de comunicação  
[desta carne com  
outra carne através do sexo...  
uma boa trepada então, pra mim, pra você e pra  
[todo mundo.



## SASKIA SÁ

### SEMPRE EXISTE UM RABO

Sempre existe um rabo  
Sempre existe uma ponta de rabo que aponta  
no vão entre a cortina e o chão  
presença no escuro, sombra que se move e apavora  
as noites de dúvidas e certezas  
no xadrez do jogo das toalhas de mesa  
sentados à sombra dos almoços solitários  
os ratos brincam de esconde-esconde na sordidez dos  
apartamentos  
suburbanos clichês de hipocrisia das salas de TV e sofás  
hipocondríacos das noites de sábado

## BARBARA DEPIANTTI

### POTENCIALIZAR

Sou atriz  
Represento a luta das minorias  
Pulso sangue coalhado  
Desmontando as alegorias  
Do pensamento manipulado

Sou poeta  
Gasto a sola da minha juventude  
Cerrando a grade que não escuda  
Encarcera e ilude  
Torno os meus braços de ajuda  
Incito no outro atitude

Sou artista  
Falo o silêncio do desenganado  
Expresso a opressão do reprimido  
Dou olhos ao que foi vendado  
Dou vida ao que foi vendido  
Atento ao que anda distraído

## BARBARA DEPIANTTI

### TRAÇAS

Nas ruas  
Pessoas disfarçadas  
Julgando as nuas  
Expondo feridas  
Para cobrir as suas

Nas casas  
Quem não voou  
Cortando as asas  
Se apoiando  
Em bases rasas

Nas igrejas  
Mãos imundas  
Na manjeira  
Da vida do tolo  
Que pestaneja.

Traças  
Por toda parte  
Ruminando desgraças

## SARAH VERVLOET

### AS DUAS CORES DO RIO

Uma enchova percorre o rio  
pelas águas que sempre se renovam  
Mas desde que o peixe nasceu,  
ele conhece a corrente por que passa  
entende de todos os cardumes  
e sabe de cada vida de ovo.

A cor de sua água é a mesma  
Quando chove, pouco muda  
Quando amanhece, sobe ou desce  
Mas é sempre o mesmo filete  
brilhante que o acompanha.

Embora isso: mudanças.  
Para que serve minha casa sem um planeta que a  
[abrigue?  
Para que serve um barco se não houver para ele um  
[rio a navegar?

A cor amarelada cristalina do rio  
salvou os últimos minutos batendo à beira  
Uma enchente de não-água  
Não-vida, não-enchova, não-peixes.  
Uma enxurrada de outras cores  
que não a mesma daquela vida.

Cor barrenta que põe na memória  
desvio, desnível, desatino, desmemória.  
A lama que deu cor divide o rio com outra  
desconhecida agora porque perde lugar, perde vida  
perde a sina de ser água e transportar peixes  
gentes e barcos, perde-se em água, deixa-se  
não é mais substância, não é mais peixe.

## **SARAH VERVLOET**

O mundo morre em cada jovem  
o mundo morre em desencanto  
sem gosto e dano e plano.  
O mundo morre quando acaba  
a vida interrompida, morre  
todo mundo, também nada.  
Morre o mundo das desgraças  
das linhas mal traçadas,  
do abismo de viver sempre  
e não questionar entre  
ficar de pé ou pular,  
o mundo morre desse jeito.  
O mundo morre aqui dentro  
de mim, de tudo.  
Luto – o mundo é assim  
morto de abuso.

## **BARBARA DEPIANTTI**

### **QUERIDO HOMO SAPIENS**

Não vou me casar  
Não vou me moldar  
Não vou me castrar  
Não vou cozinhar  
Não vou lavar  
Não vou passar  
Não vou chorar  
Não vou crianças gerar

Também não vou mudar  
Pelo que você quer  
Minhas unhas não vou pintar  
E nada disso me faz menos mulher

## CAÊ GUIMARÃES

### O ANJO AFOGADO

you fuma seu marlboro e dentro das calças sente tesão e  
[medo  
eventualmente você mente e embora tente quase nunca sente  
[pelo mundo  
you respira fundo antes de dizer o que acha ser verdade  
e em cada pausa uma nódoa uma náusea uma rosa virada ao  
[avesso  
you acessa sites e seus gigabites tornam o fim o seu começo  
you quebra a banca banca o foda e tal e qual a lesma toda  
prosa  
lambe o musgo do muro para não morrer de fome  
you some na hora em que o bicho pega  
nega por três vezes quem jurou defender  
you estica o dedo em riste e come alpiste com shake para  
[emagrecer  
you caga e anda e sangra a cada dia  
uma gota da agonia que insiste em não ver  
you assina o cheque  
you risca a porta  
e o som metálico do seu hálito faz jus a quem você diz ser  
you ri do que?  
quando pinta algo além da sua finta perde o rebolado e bota  
[tudo a perder  
you encontra e esconde porque quer tudo e ao reter engorda  
e ao engordar explode tudo que não soube dividir ou conter  
you chora quando vê algo terrível  
e pensa que podia ser com quem ama ou com você  
tenta engolir mas engasga a verdade lamacenta e nodosa  
leva as mãos às faces  
distorcidas pelo horror ao perceber  
que o anjo ainda que alado também morre afogado  
e aí nada mais há a fazer  
nem por você que sou eu  
nem por mim que sou você

## SARAH VERVLOET

### JUNHO

O ódio dos maiores  
persiste na varanda  
Nas ruas aos domingos,  
na pele de quem anda  
Na vida dos menores  
black blocks do nada  
Atinge as minorias  
majoritárias na estrada  
Repete todo ciclo  
Mercado na rede social  
Envolve o país e alimenta  
A mídia é nosso carnaval  
Cresce em número  
E em horror de crença  
Parece que virou doença  
Cegueira, panelaço,  
Estandalhaço por roubo  
Corrupção lá em cima  
Mas aqui embaixo  
O buraco é outro  
Pode furar fila  
Enganar o leão e quem sabe  
Conseguir um por fora  
Mas na televisão não.

.meu corpo jaz sobre o que se chama cama  
.meus olhos olham o teto  
.a casa se chama apartamento  
.estou na parte a que chamam banheiro

.meus pés no frio do que se chama chão  
.meus olhos nos olhos do espelho  
.a casa se chama apartamento  
.estou na parte a que chamam varanda  
.meus cabelos na dança do  
que se chama vento  
.meus olhos presos à grade da imensidão  
.a minha saudade não tem sombra  
:cada objeto desta casa sou eu  
,minha alegria fugaz  
,meu choro contido  
,minha cara de gozo  
,meu grito  
.lá fora  
,onde o sol dá vida  
,onde a morte se avizinha  
,sou apenas espectro de mim  
,uma sombra  
,um vazio  
,um verso sem rima  
,um soneto sem chave  
.por isso a porta fechada  
,lacrada

Do livro *Inventário dos olhos* (2014)

## CAÊ GUIMARÃES

### PEDIR-TE-EI .....ESCUTAR-ME-IAS?

poder-te-ia falar uns impropérios  
sobre tua pífia composição de ministério  
far-te-ia bem ouvi-los sem freios  
pois nada há a temer se tens receio  
e então, escutar-me-ias a dizê-los?  
se tiverdes disposição e desapego  
ouvir-me-ias porque sou um brasileiro  
possibilitar-te-ei então fazê-lo  
ainda que, saibamos, não o sejam  
mas se não estás disposto – queiras ou não queiras  
pergunto-te assim do mesmo jeito:  
falar-te-ei então anão do Líbano  
mas para tanto hás que ouvir-me sem desprezo  
despir-te-ás de qualquer pré-conceito?  
não satisfeito estás em propagar-nos  
ser a fonte do bem da triste pátria  
e combater o bom combate em luta fratria  
com doses cavalares de cinismo e hipocrisia?  
como poder-nos-ia dizer-lo  
se o mal ao qual ensejas combate-lo  
é o mesmo que envergas no currículo  
com teus larápios e pilantras e dizer-nos  
que são tão probos mas como lobos nos espreitam  
falsear-nos-á tua límpida inocência  
tanta mesóclise, e nenhuma coerência  
no futuro do presente ou do pretérito  
haja-nos fígado para tanto despautério  
portanto posso-vos pedir um obséquio?  
limpar-te-ias de tanta indecência  
convocarias teu alvo e macho séquito  
e ir-se-iam todos ao quinto dos infernos?

## CAÊ GUIMARÃES

### BANQUETE NO INFERNO

eu cheguei aos portões do inferno  
e os atravessei como convidado  
sentei à mesa com todos os demônios  
eles comiam um repasto  
com os dedos lambuzados de gordura  
golas enebadas e carrancas duras  
destroçavam com dentes afiados  
carne nervos e ossos  
servidos em bandejas enormes e polidas  
em ritual de júbilo e tortura  
sentei à mesa com todos os demônios  
eles riam e contabilizavam arrobadas saqueadas  
gritavam a suas mulheres tristes reprimidas e servis  
que lhes servissem mais vinho nas taças – amoladas as facas  
e sobre nacos de saliva e sangue comemoravam o butim  
mas não venha pensar aqui, seu incauto  
que havia choro e ranger de dentes  
misturados ao suco de enxofre e lava  
com os dedos lambuzados de gordura  
derramavam ódio por cada poro fistula e fissura  
mas o ambiente em seu entorno era bucólico e pastoril  
do lado de lá dos portões do inferno parecia ter  
algum lugar bonito pra viver em paz  
onde a natureza explodia com a força de cem sóis  
destroçavam com dentes afiados  
porque demônios – perceba – sorvem os licores da beleza  
mas o fazem como o verme rói as fezes  
com febre e desespero por saber que ter não é ser  
e que tudo aquilo que querem, ferem  
em ritual de júbilo e tortura  
neguei por três vezes a oferta do banquete  
mas provei da paisagem ardilosamente calma  
o inferno – pensei entredentes – se leva dentro da alma

:o!brigado  
.melhor seria dizermos  
  
:F!ODA-SE  
,prefiro a morte  
,prefiro ver meu sangue a sua glória  
.mas não  
,dizemos  
:o!brigado  
:d!esculpe-me  
:l?icença  
,abaixamos a cabeça como somente os tolos fazem  
.meu grito é mudo  
,eu sei  
.mas não tenho medo  
,já não tenho correntes nos pulsos  
,nem padeço dos soluços para me salvar  
.meu grito é mudo  
,mas está impresso  
,eterno no papel  
,como sangue  
.vazia está a casa  
,não meu coração  
.este ainda tem sonhos por realizar  
.ainda pulsa no peito como um touro  
  
.na arena também sou o touro  
,este animal ferozmente educado  
.a casa se chama apartamento  
.estou na parte a que chamam quarto

## RODRIGO CALDEIRA

### DESPROPÓSITO

=====

meu nome é fome  
,estou sozinho  
.mas há desejo no que escrevo  
,há promessa de hoje ser ontem  
.e a?gora  
.sozinho ainda estou  
,como sozinho sempre estive  
,nesse labirinto  
,sob a sombra  
,sob o olhar frio da noite  
.meu corpo me abriga  
,abrigo etéreo  
,feito de sonho  
,carne  
,ossos e desejo  
,onde permaneço fixo  
,sufixo do meu nome  
:fome  
.o!h grandíssima coisa nenhuma que sou  
,coisa-bicho que trafega na noite  
,coisa-homem que trafica a noite  
,que trafica sonhos e os vende na feira  
como um cacho de banana-nanica  
.e?sperança  
.vendi-a ao povo  
,que sorridente ainda me disse  
:o!brigado  
.no meu país ainda se diz

## JANIO SILVA

### O QUE ME INCOMODA É A FOME DOS BONS

Do alto dos PRÉDIOS,  
o barulho das PANELAS,  
de quem tem o estômago cheio.

Do alto do MORRO,  
o barulho do ESTÔMAGO,  
de quem tem as panelas vazias.

## LUCAS DOS PASSOS

### E GRITA

E grita o fatalismo petulante  
que, em vez de pôr o dedo na ferida  
própria, finge que entende de política  
pública e quase esquece que diante

desta história que a nós se prefigura  
todo cuidado é pouco pra evitar  
que se repita a dor tentacular  
da crua e verdadeira ditadura.

As ruas, as cidades, testemunham,  
e em qualquer parte alguém acusa o golpe,  
porque ninguém no mundo está imune:

nas marchas, qualquer um cabe na cruz;  
mas vem o tempo e, então, nos apavora:  
no fim, a história cobra, a história pune.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

## ORLANDO LOPES

anteposta a uma cabeça de burro  
jaz, à flor da terra, quase  
defunta, a cabeça d@ Gigant@.  
mira sempre o horizonte,  
esperando algo que parece  
não saber bem vir de onde.  
a cabeçorra mira longe,  
aspira ao infinito (não se  
move, não se mexe), perdida:  
não é uma, mas duas, ou três  
: não a hidra enlouquecida,  
nem a deusa tresloucada:  
@ Gigant@, tão imóvel,  
só dentro de si dá suas cabeçadas:  
as cabeças refundidas no sol do Alvorada.



II

olha, vê agora  
todo este barro,  
o escarro, a lama  
que entope  
as tripas do Rio Doce.

é barro divino:  
a massa que encarna  
aquela Minas  
e este Espírito Santo,

o barro que te faz  
por bem e por mal  
um ser tão humano.

é merda: rejeito  
(a diarreia, o grande,  
o maior e mais  
molhado dos peidos)  
vazado em pleno Oceano.

## LUCAS DOS PASSOS

### DE OCASIÃO?

Mas, se a Dilma cair, observem bem,  
esteja certa de que cai bem tarde:  
como se segurou tão viva e ativa  
quem teve suas penas militares?  
como, me diz, chegar à presidência,  
depois de seviciada, clandestina?  
Se a Dilma cai, é desaparelhada.

E como ri-se o povo aparvalhado:  
se a porrada for forte, não levanta,  
não, o filho caído, subterrâneo;  
se uma pedrada tão maldosa encanta,  
coitadinho do Brasil, boicotado.  
Se crê, então, em gesto extemporâneo:  
se esquece que a história é toda enganos.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

## LUCAS DOS PASSOS

### INCIDENTAL

Seriam a poética e a política  
fardo muito pesado a um só homem?  
Comprova o estagirita: nunca foram,  
por que seria a vida tão pudica?

Até quem cala já se identifica:  
“en la lucha de clases...”, vá a pé.  
Dois olhos, dois ouvidos, duas moedas,  
e a vida, matemática, se arrisca:

é tão grande o fardo, tão curta a farda;  
dorme lacrimogênea, já de molho,  
a barba (ou cabeleira) comunista;

e quem vê coração só vê camisa.  
Constrói-se a realidade em mil refolhos,  
mas a paz interdita: é tudo ou nada.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

## ORLANDO LOPES

### SOTURNO SATURNO (A MÃO AMARELA DE ADAM SMITH)

I

tanto disseram  
para pensares  
o local, o global,  
o nacional, o federal,  
o estadual, o municipal.

e pensastes  
e pensastes  
e pensastes.

mas  
quem pensou  
contigo? teu amigo  
ou teu inimigo,

pensastes com  
o joio ou apurastes  
teu sizo no trigo?

## ORLANDO LOPES

### PÓS-CAPITÁLIA (GANGRENAGEM)

és capixaba,  
trabalhas e confias,  
mas não te levam  
(há o cheiro  
daquele podre  
no reino desta Dinamarca)  
a sério - tu és sério,  
és rijo, o tempero  
do minério  
(és também bronco  
até aos brônquios,  
até às brânquias),  
és aresta do mistério:  
um certo ar de ébrio,  
o olhar etéreo.  
teus irmãos não  
te enxergam,  
apenas capturam  
tuas ilhas, as vilas, as montanhas,  
as colinas, dividem  
tuas costas, as costelas, a serrinha.  
(e que não te entendam,  
e que te estranhem (que se danem)  
: enquanto ainda és dono  
de tua terra,  
berra, camarada  
(ou te levam na enxurrada)!)

## MARÍLIA CARREIRO

### 15 DE MARÇO

amanhã vai ser outro dia  
apesar de hoje você ter ido à rua  
gritar a sua opinião.

eu, bêbada, fico quieta  
aproveito o dia para descansar  
- não quero ir de encontro ao azar.

vejo o bloco na rua, é livre arbítrio  
pedem por Durango Kid sem saber  
como se essa fosse a salvação.

imagine você só vencer na vida  
se disser sim para o que não aceita  
levar um chute de direita  
e não poder reclamar.

imagine a Rita levar  
seu sorriso, o assunto de todas as gentes  
a primavera dos seus dentes

imagine que dureza seria  
ter consciência e não coragem  
não ser a contramola que resiste, ser triste.

digo isso pra não dizer que não falei das flores.  
foi-se o tempo de viver sem razão  
a luta é para que tudo isso não seja em vão.

## MARÍLIA CARREIRO

### PRÓ-TESTE

a mente fervilhada  
pelo absurdo feito às custas  
desses filhos-das-putas  
que nada têm com isso.  
são apenas escravos  
paus-mandados da nata

talvez eles nem queiram,  
mas estão no meio da farra,  
montando o circo,  
da festa sem festim;  
com bala elástica,  
resistente,  
que atira na gente.

na gente que luta  
que amanhece na rua  
que segue regras  
e sorri um sorriso limpo  
como se não precisasse  
vender o almoço  
pra comprar a janta  
enquanto aquela anta  
está na casa  
mascarando falsidade  
fingindo ser lei.

lei que não se lê  
- lei que o dinheiro lê -  
lei que ofende,

que oprime,  
que machuca,  
que sangra.

o opressor e o oprimido  
separados por uma parede de gente  
de gente como a gente  
- só que camuflada em panos escuros -  
gente que não merece  
ser representada  
por um bando de nada.  
gente que não merece  
ser tratada como nada.  
gente que é gente  
e não merece  
lei de efeito moral.